

*VERSÃO INTEGRAL DAS RESPOSTAS
ÀS PERGUNTAS FEITAS
SOBRE BUDISMO ZEN
POR JOSÉ MATOS-CRUZ
QUE TENCIONAVA PUBLICÁ-LAS EM
“DIÁRIO DE COIMBRA JUVENIL”*

Escrito em 17 de maio de 1971

- Quando e como te apareceu o Zen? Quando e como reconheceste a sua importância?

- Encurralados nas antinomias da ordem cultural vigente, há pelo menos dois caminhos que se podem seguir: ou nos instalamos num dos termos e somos relativamente felizes, técnicos ou especialistas de qualquer especialidade; ou tenta-se viver em tensão constante no vaivém dessas antinomias e entre essas antinomias e somos aquilo que se considera um "dispersivo", um superficial, um auto-didacta, um tipo que nunca está num sítio certo, um subversivo, um do *lumpen-proletariat* intelectual.

Por temperamento ou lá pelo que foi, estava-me destinado o caminho de preferir andar sempre numa roda viva entre os extremos: especialidade-generalidade, poesia-ciência, razão-fé, teoria-prática, ocidente-oriente, etc., etc. E tu sabes como estas antinomias se podem multiplicar até ao infinito, e como a nossa angústia e dilaceramento se pode, portanto, ampliar até ao infinito também.

Quando veio a dialéctica, achei que era uma tentativa teórica linda e a propósito. Devorei dezenas de livros sobre dialéctica.. E cada vez ficava mais perplexo. E cada vez mais dividido, mais dilacerado, mais repartido pelas antinomias em vigor. Ainda quando houvesse tudo o mais, faltava a prática: e se a prática política falha, é preciso a prática existencial. Ora nem uma coisa nem outra. Se era e sempre fui um doente incurável da política, da existência ainda mais.

O Zen, neste interim tragi-cómico, apareceu-me como a dialéctica existencial e prática. Por isso aderi. Se me tivesse surgido a possibilidade da prática política para fazer a síntese dos contrários, não digo que não tivesse aderido também e gostado mais. No entanto, dado o tal temperamento e todas as contradições internas decorrentes dele -, penso que seria sempre muito mau prático da *praxis* política.

Aliás, e recorrendo ao alibi da tecnicidade - alibi tão usado pelos funcionários da ordem cultural vigente- alego e pergunto: porque não há-de a sociedade precisar de todos e porque não há-de um a-político ser tão útil ao progresso, ao futuro e à pátria como um político Tudo está em saber como se define, e em função de quê, esse a-político e essa apoliticidade.

É preciso haver também quem vá fazendo a "revolução existencial", tão descurada por todos, é preciso haver quem se atreva ao mais difícil e complexo, ainda que para

isso tenha de fazer das tripas coração e vice-versa, ainda que, para isso, seja muito mal visto pelos, da política ou revolução imediata, a curto prazo, de via reduzida.

Foi um pouco o que me aconteceu: por isso sou das tripas e hei-de vir a sofrer do coração. Se quiseres uma blague, aqui a tens: escrevo com as tripas, daí a constante revolta intestinal que é este (meu) atribulado quotidiano. Até sinto que vou cumprindo a minha obrigação cívica, e contribuindo com essa chaga-achega para ajudar futuros e vindouros que nos mesmos apertos se vejam. Por isso me obrigo a dizer às pessoas que, quando se quiserem defender das "agressões da civilização", se entriquem no Zen. É o que estou fazendo, até que me vençam. Já que não conseguiram convencer-me do contrário.

- No zen procuras então uma ajuda mais do que uma doutrina?

- Encontrei no Zen uma resposta para todos os meus fracassos "intelectuais". Aos 40 anos perdi por completo a capacidade de memorizar "conhecimentos". Mas já vinha acontecendo assim desde os 30. Depois do 5º. ano do liceu, ainda tentei passar exames, estudar os livros obrigatórios, mas fracassei: não só a memória se mostrava cada vez menos tenaz, como aumentava o desinteresse por todas as matérias académicas, como tomava, a pouco e pouco, mais viva consciência da inutilidade ou perniciosidade do saber "obrigatório".

Em suma, a cultura, tal como a temos em todos os estabelecimentos escolares e nos meios que lhes obedecem (são todos, afinal) era-me cada vez mais insuportável e hostil. Quando nos sentimos "empurrados" para a berma, procuramos não cair na valeta e esforçamo-nos por encontrar outra via: julgo, após dez anos de marchas e contra-marchas, de idas e vindas, ter encontrado essa via no Zen, técnica de "aculturação" que me parece de grande utilidade para os que entraram em conflito aberto com a cultura estabelecida; para os que fracassaram na Ordem estabelecida.

Há, é certo, as tentativas isoladas e individuais dos escritores que, no Ocidente, procuraram outras vias: Chestov, Artaud, Daumal, Guénon, Nietzsche, D. H. Lawrence e outros negadores do "*establishment*" cultural: mas são démarches não só intransmissíveis, pelo seu carácter individualista, mas sem o apoio da Experiência que os séculos, nada poucos, deram ao Zen.

Diga-se, aliás, que o Zen é relativamente moderno; segundo Suzuki, pode localizar-se o seu surto à volta do século XIII da Era Cristã. De qualquer modo, o trabalho e a experiência de poetas (os "malditos" ou "descontentes" d (est)a civilização) estão sempre mais desamparados de um apoio cultural, apoio que o Zen possui.

- Parece-te que o zen tem algo a ver com as noções ocidentais da psicologia e/ou da psicossomática?

- Exemplo da platónica (menos platónica do que parece) e cínica separação que o ocidental sempre faz entre teoria e prática, mesmo quando diz que não faz essa separação, é uma muito conhecida afirmação da ciência estabelecida:

"O físico influi imenso no psíquico" - já todos disseram, confirmaram e reconfirmaram - "assim como o psíquico intervém no físico". Pois é. Que fez a ciência oficial estabelecida de tão inteligente princípio? Criou mais uma das suas milhentas ciências, teorizou, publicou livros, engendrou especialistas, leccionou em escolas, construiu possivelmente laboratórios, institutos, academias, o diabo! Enfim, o circuito conhecido. E ficou tudo como dantes no reino de Abrantes.

Da prática relacional do somático e do psíquico - a não ser em certas psicoterapias - continua a ignorar-se tudo. Os livros sabem tudo, mas o indivíduo, o doente, a vítima, o paciente, como dantes, sempre como dantes.

Não é de admirar que psicoterapeutas dos Estados Unidos se tivessem interessado pelo Zen. Talvez vissem ou pressentissem que só o Zen fornece a técnica capaz de, efectivamente, ligar o somático ao psíquico e reciprocamente.

Claro: refiro-me ao arroz. Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és. De facto, só pelo regime alimentar se podem operar mudanças ao nível biosomático, mudanças que signifiquem alterações também sensíveis, substanciais (e não só paliativas) ao nível psíquico.

Não admira que Karen Horney, psicoterapeuta norte-americana, nos seus últimos anos de vida tivesse aliciado, para o Zen, Erich Fromm e outros psicanalistas, que não atinavam na técnica capaz de operar a síntese teoricamente tão proclamada e estudada e etc. entre "corpo" e "alma" .

- Consideras-te um iniciado?

- De maneira nenhuma me considero um iniciado. Um simpatizante e um adepto, quanto muito. Aliás, só pela prática da prática este tipo de sabedoria se pode adquirir, de contrário caímos nos mesmos vícios e erros da viciosa cultura ocidental - dualista, mnemónica, teorizante, tecnicista, etc .

Intellectualizar tudo o que toca, eis o vício nº 1 do homem ocidental, formado (ou deformado) pelas heranças cristã, judaica, greco-latina, racionalista, renascentista, etc. Tudo o que aprendemos neste quintal europeu, à beira mediterrâneo plantado, é a desvitalizar o pensamento, a hipertrofiar a técnica e a teoria, a obliterar a vontade, a imaginação e a afectividade, e repartirmo-nos por mil e uma incríveis especialidades, a desdobrar a Ciência em milhentas cienciazinhas, qual delas a mais inútil, a mais perniciosa, a analisar, a analisar, a analisar sempre.

De vez em quando há uns tipos porreiros chamados filósofos que gritam por síntese. Mas a filosofia é ainda e sempre (mesmo o ramo da filosofia chamado dialéctica) ainda e sempre abstracção, a acção separada da ideia, a vida desligada do pensamento, a prática a uma banda e a teoria a outra.

E fica tudo na mesma: é curioso que a psicanálise, a dialéctica e os existencialismos tentaram precisamente unir as antinomias, mas quando o surrealismo chegou - e como parece ter-se provado - nem o surrealismo conseguiu também encontrar a fórmula prática de praticar a prática (de encontrar o Ponto Central e banir as dilacerantes antinomias como proclamava o manifesto de André Breton).

Segundo os surrealistas, aliás, a história do homem ocidental traduzir-se-ia fundamentalmente por essa constante: os que procuraram a Unidade foram sempre levados à fogueira, ao cárcere, ao hospital, ao manicómio ou a etc acusados de hereges, foram sempre a encarnação do Diabo na ordem santa dos que "dividem para reinar". Esta, pelo menos, é a tese de Nora Mitrani, num breve mas dos mais curiosos estudos que conheço sobre a génese do surrealismo: *A Razão Ardente*.

Ao que parece e segundo historiadores bem informados (a História foi sempre, para mim, outro pesadelo, pois significa, no fundo, o armazém de todos os dados e conhecimentos capazes de arrasar, por congestionamento e asfixia, qualquer cidade moderna de milhões de habitantes!...) , o romantismo alemão, no século XIX, teria representado, como antecedente do surrealismo, uma das revoltas mais ousadas do espírito de Unidade contra a ditadura da chamada Razão: aquilo que a si própria se designa de Razão, monopolizando a palavra e impedindo-a de ter quaisquer outros usos. Por isso Nora Mitrani fala de Razão Ardente, para distinguir, usa essa expressão que qualquer grande poeta (Lautréamont?) fora o primeiro a usar (esta triste memória., não me permite nunca, com segurança, citar nomes!).

- Falaste na prática Zen. O que é isso?

- Quando referi as experiências e tentativas de vários escritores para sair do *ghetto* e verifiquei que não me serviam completamente como exemplo, modelo, um dos motivos por que não me serviam era não se apoiarem numa técnica de transformação individual efectivamente profunda. Digo: ao nível da célula biológica. Ao nível da biologia celular.

Quero dizer: a mudança teria de ser, também e inevitavelmente, algo de biológico, de contrário a recaída no pântano teoricista é inevitável, como parece ter sucedido a todos ou quase todos os escritores "malditos", que, quando não acabaram na droga e no álcool, acabaram no suicídio ou em qualquer outra forma ainda de auto-destruição. A Ordem cultural estabelecida, quando não se lhe obedece mata, ou induz na morte. Constrange a .

Tempos houve que o ioga me pareceu, como ginástica, uma chance, ao nível fisiológico - respiratório - para a metamorfose. Mas nunca tive ocasião de praticar ioga e só ler nos livros fica tudo na mesma, como estava e como convém ao Sistema.

No entanto, acredito que é dos becos sem saída que o homem pode sair mais robustecido e a partir deles que melhor experiência de existir pode conquistar . As grandes descobertas são sempre o supremo esforço para sair de situações insolúveis o '

Abreviando, direi que quando procurava, desesperadamente procurava! as últimas soluções para problemas de saúde - empurrado para o beco sem saída que é a Medicina oficial e sua incapacidade para me solucionar, enquanto doente, - dei com o regime alimentar dos cereais integrais. Podes calcular a "alegria" deste reencontro, ao verificar que esse regime alimentar não era mais nem menos do que a secular arte Zen de comer: "faz do alimento o teu medicamento e do teu medicamento o teu alimento".

Digamos, pois - ainda para abreviar, resumir e sintetizar - que no arroz estava portanto e finalmente a base capaz de, ao nível da célula, modificar, mudar, transformar todo um teor cultural: o teor que nos é imposto pela ditadura vigente. E como nunca gostei de ditaduras, aceitei a do arroz com a maior das alegrias. E o "fanatismo" do Zen.

Claro que sou fanático do Zen, hoje, mas fazes favor de situar esse meu fanatismo a partir de todos os fanatismos de que - na tal sociedade violenta - somos vítimas e de que tentamos livrar-nos através dos tempos.

A situação é muito semelhante à política: por isso digo, muitas vezes e sem ironia, que a minha política é o arroz integral. Estranham alguns a onda de violência, de fanatismo guerrilheiro desencadeado hoje no mundo. Delas esquecem-se esses senhores da violência que imperava antes - a violência da repressão fascista - contra a qual, precisamente, a nova violência se levanta, como pode e para acabar com ela.

Acontece assim com o fanatismo do arroz, muito semelhante ao fanatismo das guerrilhas justiceiras e vingadoras e emancipadoras. Há que ver se o fanatismo é o da repressão, ou se é o da luta contra a repressão. Se o fanatismo do arroz for a única maneira de me defender contra o fanatismo da ordem cultural estabelecida (onde a medicina ocupa papel preponderante como fascismo ordinário e a domicílio), será difícil, porventura, compreender a justeza e justiça do meu fanatismo?

- Parece-te inevitável essa aproximação do Zen, ou será sempre um fenómeno esporádico, insignificante e sem peso nas estatísticas de massas?

- Parece-me inevitável uma adesão em massa ao Zen, e num futuro muito próximo: Não é de modo nenhum um fenómeno de elites ou de minorias minoritárias, dado o caminho que a civilização, tal a temos, está tomando e segundo o que as estatísticas da poluição afirmam.

Não sei números de cor, mas os que diária e parceladamente vão sendo noticiados não parecem muito encorajadores. Penso que não é fanatismo considerar hoje o cancro um fenómeno epidémico com amplitude de massas. E penso que não é infundamentado considerá-lo um produto, uma doença da tal civilização: esta que nos governa e tiraniza

Li num anúncio de página, de um jornal espanhol, isto:

"Em cada três pessoas, uma morre de cancro". É uma percentagem linda e parece não haver necessidade de a gente se enfronhar e perder em mais estatísticas probatórias, para conferir ao problema certa gravidade e a essa gravidade certa representatividade.

Mesmo com todas as desculpas e aliciantes que uma civilização homicida acaba sempre por encontrar - para justificar os homicídios - não só para justificar "surtos" dessa ordem de grandeza mas para convencer as massas de que afinal o mau não é assim tão pior como se pensa, se a "civilização" está matando neles com essa velocidade, será fanatismo acreditar que, como os ratos no pacote a afundar-se, as pessoas comecem procurando também uma saída e que algumas comecem a ver essa saída na Macrobiótica Zen?

Ilusão que seja - não discuto agora isso - quando as certezas da real realidade começam a ter esse aspecto ameaçador de homicídio em massa - em cada três, um morre de cancro, e os outros dois, portanto, morrem de enfarto ou passados a ferro pelo automóvel - admira alguma coisa que as pessoas sejam empurradas para a tal outra ilusão do Zen? Admira a fuga já iniciada para um teor cultural que repudia o morticínio sistemático a que estão procedendo as indústrias pesadas em geral e as alimentares (leves) em particular? Admira?

A própria realidade objectiva é que levará as pessoas a converter-se ao budismo. Acoçado e encurralado, quem não procura uma safa? E quando essa saída se der em massa, temos aí um fenómeno que já não é casmurrice minha nem tua, que já não é tineta de místico e de poeta e de *out-sider* como todos os sensatos não se cansam de nos acusar: Será um fenómeno colectivo de proporções avassaladoras, sociais, políticas e até económicas. Sim, económicas: substituir os adubos químicos por orgânicos, por exemplo, vai bulir com toda uma estrutura da Produção que ou é humanista e serve o homem, ou é terrorista e serve a exploração do homem pelo homem Ora só a agricultura biológica serve o homem e dela estão a dar exemplos os primeiros defensores desse novo humanismo agrário.

- Não tens receio de que te apodem de místico?

- De que coisas e acusações não serão capazes os zelosos funcionários da ordem cultural estabelecida?

"Metafísico" e "místico" tem sido dois apetitosos chavões, entre outros, que se aplicam a todos os que, pouco ou muito, afrontam os interesses dessa ordem.

Posta a funcionar uma moral da honra - em que o princípio do Bem é incarnado pelo que os sacerdotes do Templo designam de Razão - é fácil e está-se mesmo a ver como funcionam as excomunhões de todos os que se acusam de não seguir essa Razão, esse Bem e essa Honra: "metafísico" e "místico" servem para desencadear a "caça às bruxas", para encostar à parede o autor da irreverência subversiva, assim como o "herege" e o "judeu" serviam outrora as sacrossantes inquisições de outrora.

Dentro deste esquema, tetra-conhecido de todas as inquisições, que se pode esperar mais do que epítetos por parte dos que sentem ameaçado o negócio de "vendilhões da razão"?

Não receio epítetos. Sou materialista, não receio o nominalismo que caracteriza todas as ordens idealistas e reaccionárias que só sabem lidar com fantasmas (palavras) e sombras (preconceitos) ou atirá-los contra aquele que não precisa de apregoar

materialismo para ser materialista. Porque é melhor e mais honesto sê-lo do que dizer sê-lo não o sendo.

É o caso. Ninguém me pode mostrar que sou o mais intransigente dos materialistas e dos racionalistas. E de que não sou um inimigo dos idealismos obscurantistas todos. E de que, por isso mesmo, não preciso de invocar constantemente o ismo desses ismos!

Escrito em 17 de maio de 1971 ■